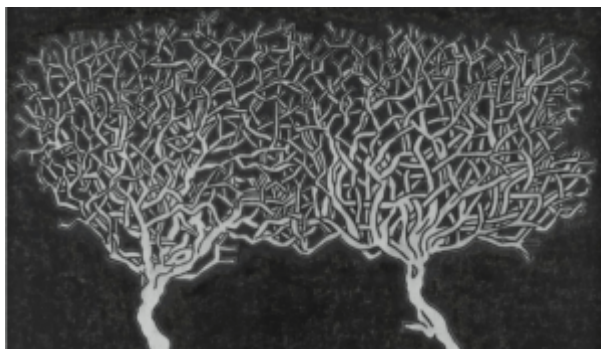


A água e a vida



Por **JOSÉ CARLOS BRUNI***

Republicamos o artigo clássico do professor aposentado de sociologia da USP, recém-falecido

“o parasita toma tudo e não dá nada. o direito de domínio e propriedade se reduz ao parasitismo. ao contrário, o direito de simbiose se define por reciprocidade: o que a natureza dá ao homem é o que este deve restituir a ela, transformada em sujeito de direito” (michel serres, *o contrato natural*).

Introdução

Há muitos anos, numa das primeiras aulas de filosofia a que assisti, ouvi meu professor dizer: “Tales de Mileto, o primeiro filósofo, da antiga Grécia do século VI a.C., afirmava que ‘tudo é água’”. Assim, a expressão “tudo é água”, por intermédio de longa tradição aristotélica, passou a ser considerada a primeira frase filosófica do Ocidente. Confesso que por muito tempo não via sentido nessa afirmação, ainda mais que os presumíveis argumentos para sustentá-la não conheceram nenhum registro.

A interpretação da frase que se encontra nos livros de história da filosofia aponta para o contexto do surgimento de uma filosofia da natureza, sendo preocupação dos primeiros filósofos a determinação de uma substância material primordial, concebida como princípio, origem e matriz de todas as coisas. Para Tales, essa substância, a *physis*, seria a água, e todos os seres existentes seriam, essencialmente, produtos da transformação da água ou água transformada.

Essa explicação sempre me deixou insatisfeito, porque choca-se violentamente com o conteúdo da percepção comum, cujo espetáculo visível constitui um desmentido flagrante dessa afirmação. Contudo, não deixei a frase de lado, simplesmente, como um absurdo qualquer. Nela, há algo de inquietante e sugestivo. Ela sempre me perturbou, nunca deixei de pensar no desafio que ela significa para a compreensão, pela sua radical brevidade, pela brutal distância que estabelece com o senso comum, pelo mistério e beleza que a envolvem na sua pureza e no seu isolamento. “Tudo é água”! O que isso quer dizer?

Num primeiro momento, resolvi pedir auxílio a outros filósofos. O que pensavam eles dessa proposição estranha? Hegel, por exemplo, celebra em Tales a descoberta da unidade do ser e a unidade do pensamento: “só há um universal, o universal ser em si e para si, a intuição simples e sem fantasia, o pensamento de que apenas um é” (Hegel, 1973, p. 15). Na verdade, Hegel lê na proposição “tudo é água” o significado “tudo é um”. Por isso a frase é filosófica, isto é, progresso em relação à dispersão do pensamento mítico ou da percepção sensível que veem o mundo como uma multidão de coisas diferentes, longe de qualquer unidade.

Por outro lado, Tales não teria razão em escolher a água como o universal, uma vez que ela é evidentemente uma coisa singular: “aqui está a falha; aquilo que deve ser verdadeiro princípio não precisa ter uma forma unilateral e singular” (p. 16). Nietzsche vê também em Tales o pensamento que salta das constatações empíricas para a abrangência do espírito, em que a grandeza do olhar conceitual define a filosofia como audácia do pensamento. Contudo, mesmo em Nietzsche, a água

a terra é redonda

de Tales não passa de uma metáfora para comunicar o “pressentimento da solução última das coisas” e “o acanhamento dos graus inferiores do conhecimento” (Nietzsche, 1973, p. 18).

Em suma, a própria filosofia, ao interpretar a frase de Tales, empenha-se no elogio do pensamento racional presente no “tudo é”, e acaba geralmente por desconsiderar a água enquanto tal. Mas o desafio da frase consiste no predicado “água”. Por que é justamente a água a origem e a matriz de todas as coisas? Ao invés de celebrar na primeira frase filosófica o que caracteriza a filosofia enquanto filosofia – a atividade autônoma do pensar –, talvez devamos procurar compreender a água enquanto água.

Para empreender este trajeto, lembremos o que afirma Michel Serres: “Nossa cultura tem horror do mundo (...) A terra, as águas, o clima, o mundo silencioso, as coisas tácitas colocadas outrora como cenário em torno das representações comuns, tudo isso que jamais interessou a alguém, brutalmente, sem aviso, de agora em diante estorva as nossas tramoias. Irrompe em nossa cultura – que dela sempre formou uma ideia local e vaga, cosmética – a natureza” (Serres, 1991, p. 13).

E para recuperar essas coisas tácitas, sigamos o conselho de tantos pensadores do passado: procuremos observar o que ocorre de mais simples sob nossos olhos, bem perto, no nosso dia a dia. Por mais superficial que seja uma descrição das nossas atividades diárias é impossível deixar de notar a presença constante do elemento água especialmente nos cuidados diários com nosso próprio corpo e nos afazeres domésticos comuns.

Todos os dias lavamos os olhos, as mãos, tomamos banho, tudo isto não com a convicção de estarmos cumprindo um conjunto frio e objetivo de preceitos de higiene, mas com uma certa sensação vaga e fugidia de prazer. Esta água caseira, que sai da torneira e do chuveiro, não só nos limpa, mas também nos conforta, nos reconforta, nos traz uma sensação de frescor que não podemos dispensar. Não esqueçamos também que é a água que leva para longe os dejetos corporais. Se pensarmos no item alimentação, veremos que a água aí também figura como elemento indispensável. Primeiro, na limpeza dos alimentos das verduras, dos legumes, dos cereais, de muitas frutas, das carnes, etc.

A seguir, na preparação dos alimentos, no cozimento, na fervura do arroz, do feijão, do macarrão, na preparação do café, dos sucos de frutas, dos refrescos. Depois, outra vez nos servimos de água para a limpeza da louça, dos talheres, dos utensílios de cozinha. Sem esquecer também o copo d’água para matar a sede. Enfim, a água é essencial para a conservação da ordem doméstica, tanto na limpeza da habitação, quanto no molhar as plantas, na lavagem das roupas, etc., etc.

Esta rápida inspeção do nosso cotidiano é suficiente para no mínimo pensar as dificuldades inerentes à qualificação da água como mera “forma unilateral” ou como “metáfora”. Pois em todos os diferentes usos “simples” indicados começa a se insinuar a ideia de que a água faz parte da nossa vida de maneira muito mais profunda do que à primeira vista poderia parecer. Como poderíamos viver sem os hábitos de higiene, em que a água representa o elemento fundamental? Como poderíamos viver sem saciar a sede? Como poderíamos viver sem cozer a maior parte dos alimentos?

Tudo indica, portanto, que a água é um elemento fundamental para a garantia de nossa vida biológica, de nossa natureza exterior. Assim, recolhamos de nossa cultura científica os fatos que melhor indicam a importância da água para a nossa existência enquanto seres naturais ou biológicos.

A água e a natureza externa^[1]

A biologia nos ensina que não pode existir vida sem água. Todo ser vivo – plantas, animais, o homem – precisa de água para viver. Na verdade, todo ser vivo consiste principalmente de água. Nosso corpo contém cerca de 65% de água. O mesmo acontece com os camundongos. Um elefante e uma espiga de milho contém cerca de 70% de água. Um tomate contém cerca de 95% de água.

Todas as funções orgânicas (digestão, circulação do sangue, respiração, excreção urinária, transpiração, etc.) exigem a

a terra é redonda

renovação rápida da água contida nas células ou nos líquidos intercelulares. Todos os seres vivos necessitam de uma porção de água, desde a absorção de alimentos até a eliminação de resíduos. As plantas, os animais e o ser humano necessitam absorver nutrientes.

A água ajuda a dissolver esses nutrientes e levá-los a todas as partes do organismo. Por meio de reações químicas, o organismo converte os nutrientes em energia, ou em materiais de que precisa para crescer ou reconstituir suas partes. Essas reações químicas só podem ocorrer em uma solução aquosa. Enfim, o organismo necessita de água para eliminar os resíduos.

Todo ser vivo tem que manter seu suprimento de água próximo do normal, do contrário morre. Um homem pode viver sem alimento sólido por mais de um mês, mas sem água só poderá viver cerca de dois ou três dias. Se seu corpo perder mais de 20% de seu conteúdo normal de água, terá morte dolorosa. O homem tem de ingerir cerca de 2,5 litros de água por dia. Pode tomá-la em forma de água pura ou de água que faz parte da comida. O meio aquoso é também necessário para os processos de reprodução da vida. O sêmen animal, o útero materno contém água e o feto desenvolve-se primeiramente num meio aquoso.

Mas não são apenas fatos da biologia que revelam a importância fundamental da água como condição da vida. A história nos revela que em geral os homens se estabelecem onde a água é abundante – junto aos lagos e rios. As primeiras grandes civilizações surgiram nos vales de grandes rios: vale do Nilo no Egito, vale do Tigre-Eufrates na Mesopotâmia, vale do Indo no Paquistão, vale do rio Amarelo na China.

Todas essas civilizações construíram grandes sistemas de irrigação, tornaram o solo produtivo e prosperaram. Essas civilizações desmoronaram quando o abastecimento de água se extinguiu ou foi mal aproveitado. Muitos historiadores acreditam que a civilização dos sumérios, por exemplo, na Mesopotâmia, se arruinou por causa de más práticas de irrigação. O sal da água de irrigação separa-se dela durante a evaporação, e tende a integrar-se no solo. Isso pode ser evitado se o sal é levado com um excesso de água.

Mas se a terra não for bem drenada, o solo fica encharcado. Os antigos sumérios deixaram de manter o equilíbrio entre a acumulação de sal e a drenagem. O sal e o excesso de água prejudicaram as colheitas. A produção agrícola declinou gradualmente, e houve falta de alimentos. Com o colapso da agricultura, desapareceu a civilização suméria.

Os dados dos urbanistas também são interessantes. Toda a vida urbana, toda cidade, depende de um sistema de abastecimento de água e a tarefa de abastecer de água uma cidade é gigantesca. Em primeiro lugar a água tem de ser captada dos mananciais (lagos, rios ou água do subsolo), em seguida tem de sofrer todo um processo de tratamento pelo qual é purificada e tornada apropriada ao consumo. Depois passa por um sistema de distribuição e finalmente um sistema de esgoto conduz as águas servidas para estações de tratamento que as devolvem para os rios ou para o mar.

Em nossas cidades, as casas têm torneira na cozinha e caixa de descarga na privada. A média de água gasta por pessoa, no lar, é de cerca de 250 litros por dia. Numa descarga de água no vaso sanitário, gastam-se de 10 a 12 litros. Para tomar um banho são necessários mais ou menos 120 litros, calculando-se que um bom chuveiro dá vazão a 20 litros de água por minuto. Para lavar os pratos e panelas, são precisos uns 40 litros, e até 110 litros para a máquina de lavar roupa.

As informações da ciência econômica são também relevantes. A água é o material mais usado pela indústria. São necessárias cerca de 270 toneladas de água para fabricar uma tonelada de aço, e cerca de 250 toneladas de água para produzir uma tonelada de papel. As refinarias usam cerca de dez litros de água para refinar um litro de gasolina; para fabricar um litro de cerveja, usam-se dez litros de água.

Nossas fábricas usam cerca da metade da água consumida em geral no país, retirando-a de poços, rios ou lagoas. A indústria utiliza a água de muitas formas. A água é utilizada para lavar frutas e verduras antes de enlatá-las em forma de conservas. É usada como matéria prima na indústria de refrigerantes, reconstituição do leite a partir do leite em pó, e em

a terra é redonda

muitas outras aplicações. Também se emprega água no sistema de ar-condicionado e na limpeza das fábricas.

Mas a maioria da água consumida na indústria é utilizada na refrigeração. Por exemplo, a água esfria o vapor nas usinas termelétricas. Resfria os gases quentes produzidos nas refinarias de petróleo, e o aço quente fabricado nas aciarias.

Que se lembre também a importância da água na produção da energia elétrica, pelas usinas hidrelétricas, e a importância dos rios e mares como meios de transporte. Finalmente, é na água que se praticam inúmeros esportes, os esportes aquáticos, como a natação, a pesca, a vela, a canoagem.

Ora, toda esta importância biológica, histórica e econômica não passou despercebida pelos homens da antiguidade (se bem que em códigos diferentes dos da nossa cultura científica). Assim, na própria Grécia antiga, a partir do filósofo Empédocles de Agrigento, constitui-se a teoria dos quatro elementos, em que a água, juntamente com o ar, o fogo e a terra, era considerada uma das quatro substâncias materiais fundamentais, irreduzíveis e que participava na formação de todas as coisas. Esta teoria dominou a cultura ocidental por mais de dois mil anos.

Desde fins do século XVIII, a água deixou, para nossa cultura, de ser um elemento, uma substância primordial, qualitativamente diferenciada, para tornar-se H_2O , ou seja, “corpo incolor, inodoro, insípido, líquido à temperatura ordinária, resultante da combinação de um volume de oxigênio e dois de hidrogênio e capaz de refratar a luz e dissolver muitos outros corpos”, conforme a definição da *Grande Enciclopédia Delta-Larousse* (1978, p. 144). Depois que a água tornou-se objeto da razão científica, passou a ser um corpo entre os outros, muito importante, é certo, mas sem alma, sem sentido, uma coisa morta.

A água e a natureza interior

Um corpo entre outros? Tal é a concepção de Hegel, como vimos, e a da razão científica de maneira geral. No entanto, se levarmos em consideração o papel que a água desempenha nas mais variadas culturas humanas, nas religiões, nas cosmogonias, nos mitos, nas artes, nas literaturas, e na própria filosofia (como já veremos), abre-se perante nós toda uma outra perspectiva em que a água deixa de ser apenas parte fundamental da natureza externa e da vida biológica para tornar-se dimensão essencial da vida especificamente humana. Isto é, é na dimensão simbólica que a água diz respeito mais profundamente à vida e ao homem.

É a própria filosofia – como se resgatando tardiamente de sua velha indiferença para com a água enquanto tal –, que nos oferece um texto privilegiado para começarmos a trilhar esse novo caminho. Trata-se de uma passagem de Ludwig Feuerbach, autor de um livro famoso, *A essência do cristianismo*. No prefácio, podemos ler: “A meta (deste livro) é – promoção da hidroterapia pneumática – instrução sobre o uso e a utilidade da água fria da razão natural – reconstituição da antiga e simples hidrologia jônica no campo da filosofia especulativa, mas em especial da filosofia especulativa da religião. A antiga doutrina jônica, em especial a de Tales, soa conhecidamente assim em sua forma original: a água é o princípio de todas as coisas e essências, consequentemente também dos deuses (...). O *gnôthi sautón* (“conheça a ti mesmo”) socrático, que é o verdadeiro epigrama e texto deste livro, não é contraditório ao elemento natural simples da sabedoria universal jônica, se pelo menos for compreendido em seu verdadeiro sentido. A água não é somente um meio físico de geração e alimentação, o que apenas significava para a hidrologia antiga e estrita; é também um remédio muito eficaz tanto psíquico quanto ótico. Água fresca faz olhos claros. E que beleza é olhar uma água límpida! Como é tranquilizante, como é luminoso um banho d’água ótico! De fato, a água nos atrai para o fundo da natureza com seus encantos mágicos, mas só reflete para o homem a sua própria imagem. A água é a imagem da consciência de si mesmo, a imagem do olho humano – a água é o espelho natural do homem. Na água o homem se despe destemidamente de todas as roupagens místicas; à água confia-se ele em sua forma verdadeira, nua; na água desaparecem todas as ilusões sobrenaturais. Assim também apagou-se um dia a tocha da astro-teologia pagã na água da filosofia jônica da natureza” (Feuerbach, 1988, p. 21-22).

Feuerbach humaniza a água. Nela, o homem se reflete. Nela, o homem põe o que ele é. Nela, o homem se projeta. E ao

mesmo tempo, nela o homem se vê espelhado, por ela ele volta a si. Com Feuerbach não podemos mais separar uma natureza externa, existente em si e por si, independente do homem, de uma natureza interna, própria só do homem e alheia ao mundo e às coisas. Como diria Marx, na mesma linha de ideias, o homem humaniza a natureza e a natureza naturaliza o homem.

Contudo, a ideia central é a de uma nova relação interna entre homem e natureza, e desta relação interna, a água é o vínculo ao mesmo tempo simbólico e real. Reinterpretando o “tudo é água” de Tales, Feuerbach diria: “tudo é homem”, ou melhor, “tudo é espelho do homem”, no sentido de que nada da natureza escapa da representação e da ação humanas, da atribuição de sentido e de significado. Não existe a natureza em si, fora das representações e dos atos de atribuição de sentido. E o símbolo da compreensão desta ideia é justamente a água, por que ela é o espelho natural do homem. É com a água que o homem se vê, é com a água que a identidade e a verdade do homem podem ser refletidas, isto é, pensadas objetiva e subjetivamente.

Ora, a água está na matriz da sequência espelho – reflexo – reflexão – pensamento. A liquidez da água, seu caráter essencialmente móvel sugere o movimento das ideias, e o seu objetivo: ser espelho fiel da realidade. Assim, a água como espelho, produzindo a reflexão – o sair de si e voltar a si – é símbolo por excelência do pensamento.

Não por acaso a palavra refletir aplica-se à água como ao pensamento. “Tudo é água” poderia significar: tudo é matéria para pensar, para refletir – tudo é reflexão. (Significado intelectualista obtido pela análise da “água” e não do “tudo é”!) Além disso, “tudo é água” é a primeira frase da filosofia, lugar de seu nascimento. Essa frase é signo da criação de uma nova forma de cultura – a filosofia – anteriormente inexistente. “Tudo é água” = tudo nasce pela criação.

Também, não por acaso, na filosofia imediatamente posterior, na figura de Heráclito, a água, ou melhor, o rio, retorna como símbolo por excelência da mobilidade, do caráter passageiro de todas as coisas: nunca o mesmo homem se banhará nas mesmas águas do mesmo rio. Como rio, a água faz ver concretamente o tempo, que tudo leva, que impede a permanência e a fixidez.

Se quisermos compreender o simbolismo da água, não podemos pensá-la como H₂O, mas como elemento fundamental indissociável de suas formas concretas: os mares, os oceanos, os rios, os lagos, os regatos, os riachos, as torrentes, as chuvas, as fontes, as nascentes, as praias, as quedas d’água, as cascatas, o gelo, o orvalho, onde se podem distinguir as águas claras, as águas correntes, as águas primaveris, as águas profundas, as águas dormentes, as águas mortas, as águas compostas, as águas doces, as águas violentas, as lágrimas.

Cada uma das culturas humanas reserva um papel privilegiado para a água, em cada uma de suas formas, em cada um de seus modos de ser. Percorrer, mesmo que rapidamente, a riqueza desse material simbólico é impossível realizar aqui. Digamos, muito esquematicamente, que os estudos da dimensão simbólica da água têm ressaltado basicamente três aspectos: a água como fonte de vida, a água como meio de purificação e a água como centro de regeneração.

A água como fonte de vida^[iii]

A noção de águas primordiais, de oceano das origens, é quase universal. Pode ser encontrada até na Polinésia, e a maior parte dos povos austroasiáticos situa na água o poder cósmico. A água aparece como origem e veículo de toda a vida: a seiva é água e em certas alegorias tântricas, a água representa *prana*, o sopro vital. No plano corporal, e por ser também um dom do céu, ela é símbolo universal de fertilidade e fecundidade. A água do céu faz o arrozal, dizem os montanheses do sul do Vietnã, sensíveis também à função regeneradora da água, que consideram medicamento e poção de imortalidade.

Na tradição judaico-cristã, a água simboliza, em primeiro lugar, a origem da criação. O *mem* (M) hebraico simboliza a água sensível; ela é mãe e matriz (útero), fonte de todas as coisas. Na Bíblia, os poços do deserto e as fontes que se oferecem aos nômades são lugares de alegria e encantamento, pontos de encontros essenciais. Como lugares sagrados, os pontos

a terra é redonda

d'água têm papel incomparável. Perto deles nasce amor e os casamentos principiam. A marcha dos hebreus e a caminhada de todo homem na sua peregrinação terrena estão intimamente ligadas ao contato exterior ou interior com a água.

Esta se torna centro de paz e de luz, oásis. E rios, chuvas, orvalho são celebrados como agentes de fertilização. Todo o *Velho Testamento* elogia a magnificência da água. Jeová é comparado à chuva da primavera, ao orvalho que faz crescer as flores, às águas frescas que descem da montanha. A água é uma bênção. Se o pecado torna a alma seca, Deus dá água, isto é, pela sua bênção faz surgir a sabedoria. No coração do sábio reside a água, como poço e fonte. A alma sábia e generosa é a alma úmida, com suas águas próprias. Assim, a água torna-se símbolo da vida espiritual. “Aquele que beber da água que eu lhe darei não terá mais sede... A água que eu lhe darei se tornará nele fonte de água a jorrar em vida eterna” (João, 4, 4).

No *Velho Testamento*, a água é vida; no *Novo Testamento*, a água é espírito. O Espírito Santo é manancial de água viva. O Pai, sendo a fonte, o Filho é denominado de Rio e diz-se que nós bebemos o espírito. Água, símbolo da eternidade, da vida eterna.

Na tradição islâmica também a água está associada à vida: “Deus! Foi Ele quem criou o céu e a terra, e que faz descer do céu uma água a qual faz brotarem os frutos para a vossa subsistência” (*Corão*, 14, 32).

Na Ásia, a água é também símbolo de fertilidade, pureza, sabedoria, graça e virtude.

A água como meio de purificação

O emprego da água como instrumento de purificação ritual é vastíssimo. Do Islã ao Japão, passando pelos ritos dos antigos taoístas, sem esquecer a aspersão dos cristãos, a ablução tem um papel essencial. Na Índia e no Sudeste Asiático, a ablução das estátuas santas e dos fiéis (sobretudo no Ano Bom) é, ao mesmo tempo, purificação e regeneração. A natureza da água leva à pureza, escreve *Want-se*.

Na tradição cristã, o Espírito Divino, dentre todos os elementos, escolheu a água. É para ela que se voltam suas preferências, pois ela se mostra, desde a origem, como matéria perfeita, fecunda e singela, totalmente transparente. Possui, por si mesma, virtude purificadora e é, portanto, sagrada. Daí seu uso nas abluções rituais: apaga as infrações e todas as máculas.

Lê-se na *Bíblia*: “Quem tiver tocado em um cadáver, seja de quem for, será impuro durante sete dias. Ele se purificará com essa água no terceiro e no sétimo dias, e então será puro; mas se não se purificar no terceiro e no sétimo dias, não será puro. (...) Eis a lei: quando um homem morre numa tenda, quem quer que entre na tenda, e tudo o que nela se encontra, será impuro durante sete dias. (...) Para quem está impuro, tomar-se-á da cinza do sacrifício pelo pecado e sobre ela derramar-se-á água viva em um vaso. (...) Um homem puro tomará o hissopo e, mergulhando-o na água, aspergirá com ela a tenda, os móveis e as pessoas que lá se encontravam, o que tocou em ossadas, em homem morto, em cadáver ou em sepulcro. O homem puro fará a aspersão sobre o impuro no terceiro e sétimo dias, e o purificará no sétimo dia. O homem impuro lavará suas vestes e se banhará na água, e à tarde será puro. O homem que se tornar impuro e que não se purificar, será banido da comunidade, porque mancha o lugar santo de Javé; porque a água que tira a impureza não foi lançada sobre ele; está, pois, impuro” (*Números*, XIX, 11-22).

Na cultura hindu, a água tem a mesma função purificadora. Lemos no *Rig Veda*: “Vós, as Águas, que reconfortais, trazei-nos a força, a grandeza, a alegria, a visão! ... Soberanas das maravilhas, regentes dos povos, as Águas!

... Vós, as Águas, dai sua plenitude ao remédio, a fim de que ele seja uma couraça para o meu corpo, e que assim eu veja por muito tempo o sol! ... Vós, as Águas, levai daqui esta coisa, este pecado, qualquer que ele seja, que cometi, este malfeito que fiz, a quem quer que seja, essa jura mentirosa que jurei” (*Le Veda*, citado por Chevalier & Gheerbrant, 1991, p. 15).

a terra é redonda

O poder de dissolução da água torna sensível seu poder sobre o indesejado, o mal, o intolerável. Seu uso ritual aponta para uma situação nova, em que o passado maléfico é afastado.

“Na água tudo é ‘solvido’, toda ‘forma’ é demolida, tudo o que aconteceu deixa de existir; nada do que era antes perdura depois da imersão na água, nem um contorno, nem um ‘sinal’, nem um evento. A imersão é o equivalente ao nível humano, da morte ao nível cósmico, do cataclisma (o Dilúvio) que, periodicamente, dissolve o mundo no oceano primevo. Quebrando todas as formas, destruindo o passado, a água possui este poder de purificação, de regeneração, de dar novo nascimento... A água purifica e regenera porque anula o passado e restaura – mesmo se por um momento – a integridade da aurora das coisas” (Eliade, 1964, p. 112).

A água como centro de regeneração

Símbolo de regeneração: a infinidade das formas da água liga-se à infinidade das possíveis formas de vida. A passagem de uma forma de vida, tida como indesejável, decaída ou moribunda, a outra, tida como superior, melhor, desejável, é acompanhada pelo elemento líquido. A imersão não é só purificadora, é regeneradora, opera um renascimento. A água apaga a história, pois restabelece o ser num estado novo. A imersão é comparável à deposição de Cristo no Santo Sepulcro: ele ressuscita, depois dessa descida nas entranhas da Terra.

O batismo, dentre os ritos de purificação/regeneração, é particularmente importante, como atesta o *Evangelho de São João* (III, 3-7): “Em verdade, em verdade te digo que não pode ver o reino de Deus, senão aquele que nascer de novo. Nicodemos disse-lhe: Como pode um homem nascer sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e renascer? Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo que quem não renascer por meio (do batismo) da água e do Espírito Santo, não pode entrar no reino de Deus”. A água do batismo é só ela lava os pecados e só é conferida uma única vez porque faz aceder a um outro estado: o do homem novo. A água batismal conduz explicitamente a um novo nascimento: passagem da natureza para a sociedade, passagem do corpo para o espírito. A água aponta para a esperança do bem por meio da graça divina.

A água enquanto símbolo de regeneração revela-se extremamente forte: mesmo no contexto irreligioso e ateu da filosofia de Nietzsche continua a simbolizar o advento de uma nova humanidade: “Em verdade, o homem é um rio sujo. É preciso ser um mar para, sem se tornar impuro, poder receber um rio sujo. Vede; eu vos anuncio o Além-do-Homem: ele é esse mar; nele o vosso grande desprezo pode submergir” (Nietzsche, 1925, p. 9).

A água e a morte

Se observarmos mais de perto o simbolismo da água como fluidez, movimento, purificação e regeneração, veremos se insinuar pouco a pouco o tema da morte. Assim, o tempo simbolizado pelo rio, o caráter passageiro da existência, indica a morte das coisas. As coisas não só se dissolvem na água, elas também nela desaparecem. A purificação é a anulação do impuro, do pecado e do mal; é a anulação do passado.

A água é símbolo de vida e de morte. Especialmente se pensarmos nas águas sombrias das profundezas do oceano, nas águas escuras dos lagos à noite, nas águas paradas e mal iluminadas em geral, elas sugerem a imagem de sepulcros, de noite eterna, de ausência de vida (isto sem falar nos efeitos destrutivos das águas violentas). Mas esta ambiguidade é constitutiva de todos os símbolos, é lei reconhecida pelos estudiosos da dimensão simbólica.

Os símbolos são constituídos por uma bipolaridade essencial, contêm todos o bem e o mal, o desejável e o indesejável, o ser e o não ser. Toda a questão é saber se essa oposição é insuperável, ou se o símbolo tende mais para um lado do que para o outro. Neste ponto é que merece menção o livro magistral de Gaston Bachelard, *A água e os sonhos*, em que ele estuda com enorme sensibilidade e erudição os mais diferentes símbolos e imagens produzidos pela imaginação poética a respeito da água.

Contudo, ele se encaminha mais para encarar a água como símbolo da morte, por mais que reconheça também a água como símbolo da vida. No entanto, a morte simbolizada pela água é uma morte especial, é antes de mais nada sono e melancolia. Não é a morte simbolizada pelo fogo, que mal deixa vestígios de sua destruição. Trata-se do sentimento da morte que a água – ou melhor, as águas profundas dos lagos sombrios – simboliza. “Suas águas (de Edgar Allan Poe) preencheram uma função psicológica essencial: absorver as sombras, oferecer um túmulo cotidiano a tudo o que, diariamente, morre em nós. (...) Nele, cada hora meditada é como uma lágrima viva que vai unir-se à água dos lamentos; o tempo cai gota a gota dos relógios naturais; o mundo a que o tempo dá vida é uma melancolia que chora. Cotidianamente, a tristeza nos mata, a tristeza é a sombra que cai na água” (Bachelard, 1989, p. 58).

Seria interessante desenvolver uma comparação entre Bachelard e Jung: para este, a água é antes de mais nada símbolo do inconsciente e no fundo deste repousa o desejo do homem de “que as sombrias águas da morte e seu frio abraço sejam o regaço materno, exatamente como o mar, embora tragando o sol, torna a parí-lo em suas profundidades... Nunca a Vida conseguiu acreditar na Morte” (Jung, citado por Bachelard, 1989, p.75).

Talvez isso se aplique a Jorge Amado em *A morte e a morte de Quincas Berro d'Água*: o cadáver do herói da novela, ao ser recuperado pelos amigos e companheiros de boemia, como que volta à vida nos bares, na caminhada pela noite e no passeio de barco. Esta trajetória não é um calvário, mas uma longa despedida. Ao perder o equilíbrio e cair no mar, retorna à natureza e ao fundo do ser, não se destina ao nada. Sim, a água é símbolo da morte, mas também é símbolo da morte da morte.

Água e Eros

Bachelard define a natação como o esporte caracterizado pela luta contra a água. A necessidade de vencer a força das águas marítimas impõe à natação um caráter disciplinador e competitivo. Competitivo, diríamos nós, por relação a outro nadador e não por competição direta com o mar. Pois a experiência do simples estar na água do mar não evoca a luta. Pelo contrário.

Que sensação de conforto ocorre ao ficarmos na água de mar calmo, numa altura que os pés quase já não alcançam o fundo. Sem nadar propriamente, mas deixando-se levar ora nesta ora naquela direção, com um movimento qualquer dos braços. Envoltos pelo elemento líquido, o corpo solta-se do chão, os pés já não pisam, as pernas não andam. É quase uma dança sem rigor: mergulhos incompletos, meia-voltas, algo como um fantoche movido displicentemente, sem a menor intenção de suscitar a imagem de um movimento regular.

Sensação de liberdade, não sentimos mais o peso e a gravidade. Sensação de amparo, de um doce abraço permanente – a carícia do mar envolve o corpo todo, cintilando e espumando, oferecendo a resistência justa, o calor no ponto exato. Há algo de felino nesse contato: os gatos acariciam o dono com a testa, a nuca, o longo do corpo; somos como que gatos quando livres das regras do movimento do andar no seio do mar; acariciamos e somos acariciados. A relação com o mar é erótica num sentido ímpar, pois nela está envolvido o corpo como um todo.

Somos inteiramente erotizados pelo amplexo total da água. Sensação única, insubstituível e inesquecível, talvez uma das sensações mais intensas que a natureza pode nos oferecer. Ora, por que tentar exprimir esta sensação de modo tão canhestro se o poeta já escreveu:

“Na vaga ondulante
Do mar das delícias,
No fragor sonoro
De ondas perfumadas,
Na inquieta umidade

a terra é redonda

Da palpação universal
Abismar-se – perder-se
Em plena inconsciência – suprema volúpia!”

(Mallarmé, citado por Bachelard, 1989, p. 40)

Talvez esta volúpia, inocente e singela, não esteja distante daquilo para que aponta o mito de Narciso: o amor de si na transparência do eu que finalmente olha para si mesmo no espelho da água. Momento único, divino, exigência do espírito, da existência, onde inconsciente e consciência coincidem. A água, refletindo o corpo e a alma, oferece ao homem o mais profundo sentimento de plenitude – talvez seja esta bondade da água sua força mais expressiva. O fogo distingue-se da água porquanto ele simboliza “a purificação pela compreensão, até a mais espiritual de suas formas, pela luz e pela verdade, ao passo que a água simboliza a purificação do desejo, até a mais sublime das suas formas – a bondade” (Diel, 1966, p. 37-38).

Conclusão

No imaginário da água, o velho esquema renascentista da semelhança é constitutivo da maior parte de seu vasto simbolismo. A água simboliza pureza, fertilidade e vida especialmente quando, em estado de natureza, encontra-se pura, limpa e transparente. Ora, as condições de existência das grandes cidades modernas – mas não só aí –, tendem a destruir aquelas características naturais da água.

Tem sido bastante denunciado o fato de que a poluição de rios, lagos e praias destrói diretamente a vida dos seres que vivem nessas águas, e indiretamente compromete as condições de vida biológica dos homens. A essa lista de efeitos destrutivos da poluição das águas deveria ser acrescentado o enorme malefício que a moderna sociedade industrial introduz na dimensão simbólica, danificando, talvez de maneira irreparável, o rico patrimônio psíquico que o imaginário da água tem produzido ao longo da história da humanidade.

*José Carlos Bruni (1941-2025) foi professor no departamento de Sociologia da USP (1971-1999), no departamento de Filosofia e Ciências da UNESP (1999 à 2009) e na Faculdade de Filosofia de São Bento do Mosteiro de São Bento.

Publicado originalmente na revista *Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 53-65, 1993 (edited in nov. 1994).

Referências

BACHELARD, Gaston. (1989) *A água e os sonhos*. São Paulo, Martins Fontes.

Bíblia Sagrada. (1951). São Paulo, Pia Sociedade de São Paulo.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. (1991) *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio.

DIEL, Paul. (1966) *Le symbolisme dans la mythologie grèque*. Paris, Payot.

ELIADE, Mircea. (1964) *Shamanism. Archaic techniques of ecstasy*. New York, Bollingen Foundation.

Enciclopédia Delta Universal. (1986) Rio de Janeiro, Ed. Delta S.A., vol. 1.

Grande Enciclopédia Delta-Larousse. (1978) Rio de Janeiro, Ed. Delta S.A., vol. 1.

FEUERBACH, Ludwig. (1988) *A essência do cristianismo*. Campinas, Papirus.

HEGEL, G. W. F. (1973) Crítica moderna 1. In: SOUZA, José Cavalcanti de (org.). *Os pré-socráticos*. Col. Os Pensadores, 1ª ed., São Paulo, Abril Cultural, p.15-16.

NIETZSCHE, F. (1925) *Also sprach Zarathustra*. München, Musarion.

_____. (1973) Crítica moderna 2. In: SOUZA, José Cavalcanti de (org.). *Os pré-socráticos*. Col. Os Pensadores, 1ª ed., São Paulo, Abril Cultural, p. 16-18.

SERRES, Michel. (1991) *O contrato natural*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

Notas

[i] As informações contidas neste item foram colhidas de: *Enciclopédia Delta Universal* (1986, p. 172-187).

[ii] Para o tema do simbolismo da água, utilizei-me amplamente de: Chevalier & Gheerbrant, 1991, p. 15-22.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA